

Andrade, A. I., & Araújo e Sá, M. H.. No palco... com Clara Ferrão Tavares: a intercompreensão como mote. *Synergies Portugal*, nº 1.

Résumé

Ce texte résulte d'une intervention dans une réunion scientifique internationale en l'honneur de Clara Ferrão Tavares, compagnon de voyage, dans le partage de convictions et idéaux en Didactique des langues (DL), comme en témoigne la façon dont la notion d'intercompréhension a été travaillée, autour de projets, développés par le groupe de DL de l'Université d'Aveiro, et dans les discours de la revue *Intercompreensão – Revista de Didáctica de Línguas*, avec 15 numéros publiés en 2010. À l'appel de notre parcours, nous en évoquons un autre, celui du discours d'une revue où, la voix contraire, celle de Clara, fondatrice de la revue en 1991, densifie les voix de l'intercompréhension et les suspend dans le temps afin que d'autres puissent s'y joindre, consolidant une DL qui considère le dialogue comme une de ses grandes finalités.

Mots-Clés: intercompréhension; didactiques des langues; projets en intercompréhension; discours sur l'intercompréhension

Introdução

Este texto lança as suas âncoras nas circunstâncias precisas de produção que estiveram na sua origem: um encontro internacional de homenagem a Clara Ferrão Tavares, colega e amiga, presença permanente nos momentos mais significativos dos nossos percursos académicos, que teve lugar em setembro de 2011 em Faro.

Clara, companheira de viagem a partir de certa altura, cumpridos que foram por nós, também perante ela, os inescapáveis rituais de iniciação académica. Clara, com quem ambas, «as meninas da didática» (apelido que nos acompanhou durante muito tempo até se tornar ridículo, e que, há quem diga, foi ela que cunhou, hoje menos meninas), partilhamos convicções, ideais, modos de ser e de estar em didática de línguas, que é uma outra forma de dizer modos de ser e de estar aqui, na profissão mas também no mundo. É por isto que, neste contributo, tínhamos de ser e de estar as duas, num dueto com Clara, em que uma voz somos nós, e a outra é ela, também acompanhada pelas colegas com quem trabalhou, designadamente na área de DL, na ESE de Santarém. Este dueto, em duas partes, tem uma das suas peças fortes construída em torno de uma das vozes com que Clara, cada vez mais acompanhada (agora também pelos autores publicados), se tem realçado nestes palcos que habitamos: o da revista *Intercompreensão – Revista de Didáctica de Línguas*, lançada em 1991, e que, desde então, tem dominado o panorama editorial em DL em Portugal, e não só, uma revista de difusão internacional, onde muitos dos autores de referência da nossa área publicaram textos fundamentais. De notar que o reconhecimento do papel desta publicação na

consolidação científica do conceito está na origem da proposta de criação da recente revista *Redinter-Intercompreensão*, da responsabilidade da rede europeia com o mesmo nome e também co-coordenada por Clara Ferrão Tavares.

A intercompreensão é, pois, o mote deste dueto. Trata-se dum dos conceitos nucleares do trabalho que tem sido desenvolvido no Centro de Investigação Didáctica e Tecnologia Educativa (CIDTFF) da Universidade de Aveiro, do qual Clara, como nós, é membro. Um conceito que podemos questionar, com Filomena Capucho (2008), sem com isso pretender retirar-lhe relevância educativa, se não será hoje um modismo em DL, mas que não o era certamente em 1991, quando a revista surgiu. No editorial do número 1, Clara escrevia que o objetivo da revista era estimular a «intercompreensão entre falantes de diferentes línguas e também entre investigadores, formadores e investigadores (...) [em] Didáctica das Línguas e das Culturas» (1991: 7). Deixemo-nos pois estimular e avancemos neste dueto, entrando *No palco com... Clara Ferrão Tavares* para juntar o nosso percurso àquele que ela iniciou, densificando as vozes em intercompreensão e permitindo que outras se lhes juntem e que as utopias, entendidas como deveres ontológicos e deontológicos duma disciplina como a nossa (Cavalli 2008: 50), aconteçam.

1. **Prólogo: entoações de um conceito**

Construído a partir do reconhecimento duma prática verbal comum, a que recorrem espontaneamente os sujeitos em situações de contacto de línguas (Capucho 2008), o conceito de intercompreensão é hoje «l'une des idées les plus remarquables et les plus stimulantes dans le domaine de l'éducation plurilingue», tal como sublinha Doyé (2005: 5) no estudo de referência que lhe é dedicado e de que é autor, encomendado pela Divisão de Políticas Linguísticas do Conselho da Europa.

Apesar da sua juventude em DL (os primeiros estudos específicos são do início dos anos 90, momento que corresponde à sua utilização duma forma mais marcada no discurso científico da disciplina, como também fazem notar Tavares, Silva & Silva e Silva (2010), num estudo sobre a evolução do conceito na revista *Etudes de Linguistique Appliquée – Revue Internationale de didactologie des langues-cultures et de lexiculurologie*¹, o conceito tem feito um percurso seguro, no âmbito das transformações que a disciplina foi experienciando e que a conduziram, na hora atual, a um quadro concetual organizado em torno duma ideologia

¹ Note-se, contudo, que a origem do conceito é bastante anterior, nomeadamente em ciências da linguagem (*vd.*, *v. gr.*, o estudo sobre o seu contexto de utilização, com laivos fortemente políticos, pelo linguísta francês Jules Ronjat, *apud* Escudé 2010).

do plurilinguismo e pluriculturalismo (Zarate, Lévy & Kramersch 2008; para um mapear deste percurso no discurso da revista *Etudes de Linguistique Appliquée*, vd. Tavares, Silva & Silva e Silva 2010). Neste quadro, muito marcado pela influência sobre a DL das políticas linguísticas europeias (para uma análise crítica desta influência, vd. Maurer 2011), em que as línguas são concebidas e abordadas como objetos de valor social, cultural, político e identitário, a IC vem concorrer para colocar o discurso sobre o seu ensino/aprendizagem em prol das grandes finalidades da educação (coesão social, cidadania, diálogo intercultural, paz) e, nesta medida, para uma reconfiguração da nossa disciplina num sentido mais humanista, mais integrado e, essencialmente, mais implicado e consciente da sua vocação social e da sua capacidade efetiva de intervir sobre a construção dum mundo mais justo e plural (sobre potencialidades de reconfiguração da DL a partir do conceito de IC, vd. Alarcão *et al* 2010). Com efeito, oferecendo a vantagem de apresentar e tratar as línguas em pé de igualdade (conforme se lê na declaração de 2008 dos *Três Espaços Linguísticos*), a IC remete, em grande angular, para a democracia, como bem sublinha P. Chardenet na sua intervenção para o vídeo *Voices em Intercompreensão* (<http://www.youtube.com/watch?v=4D9kBjUC4JM>). A IC coloca deste modo em palco a dimensão social da educação linguística ou, por outras palavras, a educação linguística como espaço de transformação das pessoas e das suas relações consigo mesmas, entre si e com o mundo.

Neste enquadramento, partilhado pelos vários autores que reclamam, do lugar da DL, a sua vinculação à noção, evidenciam-se múltiplos timbres, construídos em polifonias (mais ou menos harmoniosas, mais ou menos surpreendentes²), em função das pertenças epistemológicas dos investigadores e dos grupos em que trabalham. Procurando organizar estas polifonias, no tempo, e sem as explorar demasiadamente (para maior minúcia, vd. Capucho 2008), podemos identificar quatro etapas que se sucedem cronologicamente mas que vão coexistindo, e se vão cruzando e retroalimentando, permanecendo todas elas, atualmente, extremamente dinâmicas, cada vez mais interativas e complementares³, e sustentadas por

² ~~Para uma análise de polifonia surpreendente, porque visibilizada no percurso dum mesmo grupo de investigação, grupo este, aliás, que tem vindo a clarificar e discutir internamente a sua noção de trabalho de IC, vd. Melo Pfeifer & Pinho (submetido). Nesta sequência, e~~ Reconhecendo as perturbações que esta diversidade de vozes pode externamente provocar, Santos (2010) lança a interrogação: «is consensual essential?». Não entrando aqui nesta discussão, não podemos deixar de considerar que, tal como alertam os teóricos da informação, se tudo pode ser IC, então, nada é IC, pelo que um entendimento em torno de traços semânticos nucleares, definitórios do conceito, nos parece ser uma tarefa fundamental para assegurar a sua sustentabilidade. O mesmo reconhecem Degache & Melo 2008, quando procuram balizar o terreno que permite que os investigadores que trabalham em IC se «intercompreendam».

³ Redinter – Rede Europeia de Intercompreensão (143339 – 2008 – LLP – PT – KA2 – KA2NW) é um exemplo particularmente relevante destas interações.

publicações, projetos e produção de dispositivos e materiais didáticos: uma primeira etapa, de *recepção multilingue entre línguas vizinhas*, em que a intercompreensão se define no interior de uma família de línguas e no domínio da compreensão, por referência a uma origem comum; uma segunda etapa, de *interação multilingue entre línguas vizinhas* (LV), em que a intercompreensão se define no interior duma família de línguas e no domínio da interação (*co-agir ensemble*); uma terceira etapa de *interação multilingue entre línguas não-vizinhas* (LNV), em que a noção de intercompreensão vai para além da família de línguas e do domínio da compreensão; e uma quarta etapa, de *interação entre línguas e linguagens*, onde todas as formas de comunicação são mobilizadas.

2. Percursos em Intercompreensão: a voz do grupo de investigação da Universidade de Aveiro

Olhemos para nós, autoras também destes percursos cruzados, e interroguemo-nos: como tem sido abordada a IC no grupo de investigação de Aveiro?

Em dezembro de 2009, aquando dum jornadas da linha de investigação do CIDTFF à qual, com Clara Ferrão Tavares, pertencemos (Educação, Supervisão e Desenvolvimento), traçámos o mapa das nossas errâncias e marcámos, no esquema que segue, pontos de paragem, delimitados em torno de projetos e produtos marcantes (Araújo e Sá; Pereira, Tavares & Pinho 2009).

INTERCOMPREENSÃO	APRENDIZAGEM	FORMAÇÃO
Recepção em LV	GALATEA	
Interação em LV	GALANET	GALAPRO
	ChainStories	
Interação em LNV		ILTE
Recepção/Interação entre linguagens	Mediações	
REDINTER – Rede Europeia de Intercompreensão		

Figura 1 – Percursos da noção no CIDTFF: os projetos

Neste esquema, verificamos, num primeiro momento, que a IC tem sido abordada quer no âmbito da educação em línguas quer no âmbito da formação dos seus agentes, num cruzamento entre discursos próprios da nossa disciplina e que corresponde à sua vontade de intervir, efetivamente, nas práticas educativas pelas vozes e ações dos seus atores, os professores. Reconhece-se, em particular, neste modo de trabalho, que «le critère dominant de ‘scientificité’ de ses [de la DLE] concepts (...) ne peut être en dernière analyse que leur efficacité et leur pertinence aux mains des apprenants et des enseignants dans la réalité complexe des classes de langue » (Puren 1997: 118).

Verificamos, ainda, que todas as etapas que tecem a história do conceito, acima referidas, estão presentes no trabalho realizado. Simbolicamente iniciado com Galatea (*Desenvolvimento da Compreensão em Línguas Românicas*), projeto coordenado por Louise Dabène, um nome de referência, com Claire Blanche-Benveniste, na história do conceito de IC em DL. Tendo-se desenvolvido entre 1996 e 1999, Galatea deu origem à publicação dum conjunto de CD-ROM cujo objetivo era o desenvolvimento de competências de compreensão (essencialmente escrita) entre línguas românicas, tratadas em pares de línguas, a partir da exploração das passarelas entre elas e das possibilidades de antecipação e descoberta do sentido por elas permitidas. Assim, os CD-ROM propõem aos alunos um conjunto de atividades de compreensão, sustentadas num sistema de ajudas hipermédia, que apelam à mobilização dos seus conhecimentos prévios e a processos de construção do sentido (inferência, antecipação, *repérage*, comparação intra e interlinguística, contextualização, tradução), propondo uma pedagogia ativa que aposta, antes de mais, nas possibilidades dos sujeitos nas suas relações com as línguas (aqui, próximas), aquando da execução de tarefas de linguagem precisas (aqui, compreender textos) (vd. Andrade & Araújo e Sá, 2002, CD-ROM da equipa de Aveiro).

O desenvolvimento das tecnologias de informação (mas também um enfoque maior na interação plurilingue, neste caso romanófono, enquanto espaço de construção da IC, na linha de uma abordagem socio-constructivista dos processos de apropriação linguística, que enfatiza o agir em conjunto como espaço onde se constrói e circula o conhecimento, nomeadamente o verbal, e onde se dá e processa a IC, impulsionou o grupo, na viragem do milénio, a uma nova aventura, a que deu o nome de Galanet, para marcar, por um lado, a sua origem (*Galatea*) e, por outro, a sua aposta nas novas tecnologias e nas suas possibilidades de comunicação (síncrona e assíncrona) plurilingue e intercultural. Nesta viragem (que continuará em Galapro, vd. abaixo), o trabalho em IC realizado toma um rumo próprio, que o diferencia claramente da perspectiva de inspiração mais linguística de outros grupos (De Carlo 2011), situando-se no âmbito duma abordagem dialógica e acional onde os trabalhos do Conselho da Europa (Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas e Portefólio) ocupam um papel imediatamente reconhecível.

Dum modo mais explícito, Galanet (www.galanet.eu) é uma plataforma de comunicação em línguas românicas, disponível desde 2004, cuja proposta de formação linguístico-comunicativa, atualmente já realizada por mais de 6000 alunos de vários continentes, idades e línguas (românicas), assenta numa tripla abordagem (vd. Andrade *et al* 2005):

- coacional, na medida em que se propõe aos participantes, organizados em grupos, o desenvolvimento de um trabalho colaborativo em várias fases, ao longo de cerca de 12-15 semanas, através da interação síncrona e assíncrona, trabalho que culmina na edição de um produto coletivo, designado «dossier de imprensa»;
- comunicativa e cognitiva, na medida em que este agir conjunto suscita não apenas a interação mas também a consciência, por parte do sujeito participante, de cada uma das competências (de observação e de comunicação) que possui nas diferentes línguas e da necessidade de as desenvolver;
- plurilingue e cocultural, porque diferentes línguas e culturas estão continuamente presentes e têm de ser geridas para produzir o «dossier de imprensa».

Importa ainda mencionar, neste percurso, o projeto Chainstories (www.chainstories.eu), uma aventura mais recente (desenrolou-se entre 2006-2009) que traduz o investimento do grupo em IC de Aveiro na educação em línguas junto dum público escolar infantil. A proposta pedagógica deste projeto assenta na constituição de redes de crianças que escrevem, a várias mãos e línguas, uma única história, e que a fazem circular entre si, num processo de construção textual que evoca o *cadavre exquis* do movimento surrealista mas que dele se diferencia, já que cada avanço nesta história coletiva implica a leitura e compreensão prévia do texto que o precede, de modo a inserir o contributo específico de cada turma numa teia narrativa que se vai tecendo à medida que a história evolui.

Conforme acima escrevemos, trabalhar a intercompreensão em contextos de formação de professores é também um trilha que temos percorrido em Aveiro, sabendo que o conceito só ganha plena relevância didática se for reconhecido e valorizado pelos professores ou, mais concretamente, se for integrado no seu repertório didático, permitindo-lhes lidar com ele numa perspetiva de gestão curricular.

É neste quadro que um dos primeiros projetos europeus em intercompreensão na formação foi coordenado por Aveiro. Trata-se do projeto ILTE (*Intercomprehension in Language Teacher Education*), que teve lugar entre 1998-2001, no âmbito do qual foram construídos quatro módulos de formação, em torno duma mesma estrutura em três atos, módulos esses que os professores percorrem em percursos guiados ou em autonomia, e cuja finalidade é permitir a descoberta da IC, enquanto conceito didático com relevância para o entendimento da educação linguística entendida como o espaço de formação e transformação social e humana de que falávamos (vd. Andrade & Moreira *et al* 2002; Andrade & Araújo e Sá 2008; e Pinho 2008, sobre o contributo da realização destes módulos para uma formação

profissional em IC, respetivamente junto de professores em formação pós-graduada e de futuros professores de línguas). Os módulos realizados são os seguintes: Diversidade linguística e cultural; Da consciência comunicativa à competência intercultural (In: Araújo e Sá, Canha & Gonçalves 2003); Consciência linguística e gramática pedagógica; Estratégias de leitura e intercompreensão (In: Sá & Veiga 2010).

A nossa mais recente aventura em formação de professores é Galapro (www.galapro.eu), na senda de Galanet, remetendo o constituinte «pro» para a formação profissional e para os públicos visados. Trata-se duma plataforma de formação em IC pela prática da intercompreensão, que propõe, num modelo decalcado, teórica e metodologicamente, de Galanet mas adaptado ao novo público-alvo (educadores, professores e formadores de línguas) sessões de formação (c. 12-15 semanas) à distância ou em *blended-learning*, em torno de um cenário cronológico em cinco fases, durante o qual os formandos, organizados em grupos plurilingues, são convidados a desenvolver um trabalho colaborativo a partir da identificação das suas necessidades e dilemas profissionais, sendo apoiados por instrumentos de autorreflexão e de autoformação, disponíveis na biblioteca da plataforma (para mais pormenores, *vd. Manual da sessão*, Araújo e Sá 2010; para investigação sobre os processos de desenvolvimento profissional proporcionados pela sessão Galapro, *vd.*, entre outros, os estudos incluídos em Araújo e Sá & Melo-Pfeifer 2010).

A um outro nível, e para concluir este percurso, importa referir que a Universidade de Aveiro é uma das instituições parceiras da REDINTER – Rede Europeia de Intercompreensão (www.redinter.eu), onde tem procurado contribuir para a construção de conhecimento sobre a noção de intercompreensão em diferentes contextos de intervenção.

Como esta voz interseta a do discurso da revista fundada por Clara Ferrão Tavares, é o que nos propomos ver de seguida.

3. **Percursos em intercompreensão: os discursos de uma revista**

Trata-se, neste ponto, de refletir sobre um espaço de constituição da DL em Portugal, o espaço da revista *Intercompreensão*, em que Clara Ferrão Tavares se empenhou, ao longo do seu percurso profissional, aqui traduzido num conjunto de discursos que indiciam contributos para a afirmação duma disciplina, observando como é que a noção de intercompreensão nela se inscreve. Como salienta Jacques da Silva,

le discours scientifique n'est ni une retombée des pratiques de laboratoire, ni un simple moyen de communication, mais une instance active en interaction avec d'autres instances qui constituent une science, et que l'entreprise scientifique des publications destinés aux

pairs, et publiées dans des revues qui font autorité dans la communauté scientifique, font partie au même titre que les laboratoires, de la science qui se constitue (Silva 2002 : 166).

Podemos dizer que a análise da revista *Intercompreensão* ilustra o percurso numa área, a partir de documentos autênticos – os textos publicados – que produziu, sempre de alguma forma, em interação com a direção da revista. Durante muito tempo a única publicação periódica em DL em Portugal⁴, *Intercompreensão* iniciou-se em 1991 sob a direção de Clara Ferrão Tavares e com o apoio da Escola Superior de Educação de Santarém, pretendendo contribuir para o avanço da área, tal como se lê na apresentação do número 1, divulgando estudos e promovendo o diálogo entre diferentes autores (Tavares 1991: 7).

Contando, à data de redação deste texto, com 15 números e 155 textos, a revista, pela sua publicação regular, é claramente reveladora das ideias que foram dando corpo a uma DL que a diretora quis ajudar a construir na diversidade e no diálogo, apostando em processos de construção do saber também eles caracterizados por processos de intercompreensão. Pretendeu-se a criação de espaços de diálogo em torno da reflexão sobre o ensino e a aprendizagem de línguas, preocupação que se encontra já em Robert Galisson,

«les didactologues/didacticiens des différentes langues et cultures (dont les domaines d'étude et d'action s'entremêlent) doivent prendre conscience qu'ils ont intérêt à regrouper leurs connaissances et à constituer une force de pression unique, plutôt qu'à demeurer en isolats » [...] Sendo a disciplina a mesma, postula-se que as línguas nas quais serão veiculados os artigos não constituirão um obstáculo à comunicação, como o título da revista pretende atestar: *Intercompreensão* [...] É esta *intercompreensão*, entre falantes de diferentes línguas e, também, entre investigadores, formadores e professores, todos actores envolvidos numa mesma cena pedagógica, que constitui o objetivo primeiro da revista agora criada (Tavares 1991: 7).

Vejamos, então, como é que a revista foi contribuindo para esta ideia de intercompreensão, interrogando-nos: como é que a DL se constrói nos textos da revista?, como é que se define em torno de ideias que declinam a noção de intercompreensão?, que temas são evidenciados nos 155 textos que a revista publicou?

Relativamente à prática da *intercompreensão*, podemos ver pelo *Quadro 1 – Línguas e textos* que a diversidade linguística é uma preocupação, sendo cinco as línguas nas quais encontramos textos: francês, português, inglês, espanhol e italiano; línguas próximas dos leitores e em relação às quais é possível desenvolver processos de (inter)compreensão.

⁴ Contamos neste momento com a publicação *Linguarum Arena*: Revista do Programa Doutoral em Didática de Línguas da Universidade do Porto, iniciada em 2010.

Línguas	Nº Textos	%
Francês	69	44.5%
Português	61	39.5%
Inglês	14	9%
Espanhol	9	5.8%
Italiano	2	1.3%
Total	155	100%

Quadro 1 – Línguas e textos

Nesta linha, a revista pratica modos de comunicação multilingue, na convicção de que l'intercompréhension peut être abordée comme une politique publique et combinée à d'autres politiques linguistiques [...] elle est susceptible d'affecter en profondeur la dynamique des langues et [ouvrir] un champ de possibilités pour la communication entre personnes de langues différentes (Grin 2008 : 17).

A vontade de reforçar as possibilidades didáticas abertas pela prática da *intercompreensão* aos leitores da revista traduz-se, ainda, na sua tematização explícita em dois números, conforme podemos verificar pela observação do *Quadro 2 – Lista das revistas publicadas*, designadamente nos números 9 e 10, que celebram o *Ano europeu das línguas*, e no número 15, que elege a temática das abordagens plurais e multimodais pela divulgação de trabalhos sobre as questões do ensino e da aprendizagem de línguas. A propósito, atentemos nas palavras de apresentação deste último número:

Trata-se, assim, de um número de *Intercompreensão* plural sobre a multimodalidade que procurou convergência de autores (a intercompreensão), centrando-se sobre diferentes processos semióticos, sobre diferentes dispositivos e espaços geográficos e comunicativos (eles próprios convergentes) (Tavares, Fróis & Teixeira 2010 : 8).

N.º e data	Tema da revista
1 - 1991	Sem tema específico
2 - 1992	Comunicação em situação pedagógica
3 - 1993	Ensino precoce de línguas
4 - 1994	Didática das línguas e análise de práticas de aula
5 - 1996	A escola e os media
6 - 1997	Razão e emoção...à procura de outras vias para a aula de línguas
7 - 1998	Dimensão europeia no ensino das línguas
8 - 2000	A escola e os outros espaços de aprendizagem
9 - 2001	As línguas na Europa. Intercompreensão : desafios e ações
10 - 2002	Atas do colóquio Intercompreensão em 2001 : Ano europeu das línguas. Homenagem a Robert Galisson
11 - 2004	Ler e escrever : desafios para a sociedade do conhecimento
12 - 2005	Tendências atuais no ensino de línguas
13 - 2006	Comunicação eletrónica em contextos de educação linguística. Teorias e práticas
14 - 2008	O que está a mudar em aula de língua ?
15 - 2010	Abordagens plurais e multimodais

Quadro 2 - Lista das revistas publicadas

De realçar que a revista, valorizando explicitamente o tratamento da pluralidade linguística na constituição de uma DL, não esquece outras temáticas que lhe permitem a construção duma

linguagem específica do campo disciplinar, em torno de objetos como a *comunicação pedagógica*, as *práticas de aula*, a *escola*, as *relações com os media* ou a *internet*.

Aprofundando a nossa leitura da revista, numa análise da frequência dos lexemas (unidades lexicais portadoras de significado, tais como substantivos, verbos e adjetivos) que surgem nos títulos dos 155 textos, pretendemos compreender de que forma a DL, anunciada nos temas dos 15 números publicados, se concretiza em estudos específicos, os artigos que compõem aqueles mesmos números. Procuramos aqui a identificação dum «espaço semântico específico» ou dum

«fundo tópico», revelado através da co-ocorrência das chamadas «palavras plenas», que devem ser entendidas como algo que excede os significados anotados nos dicionários, uma vez que se inscrevem na história dos falantes, pois são utilizadas como uma atualização do próprio sujeito e de seu campo de referência aos objetos num aqui e agora do discurso (Nascimento & Menandro 2006: 74).

Nesta medida, trata-se de compreender o contributo das opções editoriais duma revista (e dos sujeitos que a dirigiram) na construção duma DL em Portugal, através da identificação dum léxico próprio que reenvia a tópicos que importa conhecer, investigar, divulgar neste campo de atuação preciso.

Assim, a análise dos títulos dos 155 textos da revista *Intercompreensão* permite-nos identificar 12 grandes tópicos, aqueles que surgem em mais de 5% dos textos, abordados ao longo dos cerca de 20 anos da sua publicação.

Tópico	N.º de textos	% Textos
Comunicação não-Escolar	39	25.2%
Aprendizagem	20	12.9%
Plurilinguismo	20	12.9%
Leitura	19	12.3%
Didática como domínio disciplinar	16	10.3%
Ensino	16	10.3%
Atitudes	15	10%
Documentos /textos legais/recursos	13	8.4%
Formação de professores	12	7.7%
Aula	11	7.1%
Comunicação pedagógica	11	7.1%
Escrita	10	6.5%

Quadro 3 – Tópicos dos artigos

Com um destaque nítido para as questões da *comunicação não-escolar* (25% dos textos), os textos publicados na revista *Intercompreensão* mobilizam as questões da *aprendizagem* (12.9%) e do *plurilinguismo* (12.9%), numa preocupação, a nosso ver, com a finalidade última duma DL plural e multimodal: fazer aprender para comunicar em situações de comunicação marcadas pela diversidade linguística. De realçar, ainda, a preocupação com as questões específicas duma DL, onde tópicos como a *leitura* (12.3%), a *escrita* (6.5%) ou as *atitudes*

(diretamente, em 15 dos textos publicados) em relação às línguas ou à aprendizagem (10%) são abordados, mas onde os estudos não esquecem o campo disciplinar em que pretendem inscrever-se, da reflexão *didática*, onde o *ensino*, a *aula* e a *comunicação pedagógica* são temas também em evidência.

Se analisarmos o conteúdo e as palavras que surgem nos 39 títulos que abordam a *comunicação não escolar*, verificamos uma preocupação com os espaços de educação não formal, como os *media*, a comunicação eletrónica ou os espaços dedicados à arte e ao lazer, em que os aspetos cognitivos e emotivos da aprendizagem de línguas se cruzam. A título de exemplo, vejam-se títulos como «Le grand show télévisé» (n.º 2), «Rien n'est plus passionnel que l'opéra!» (n.º 6), «Pedagogy, the internet and the classroom» (n.º 8), «Hoje, eu é que sou o mandarim/czar! – Uma proposta de abordagem de imprensa bilingue em sala de aula» (n.º 12) e «Comunicação eletrónica e colaboração: renovados formatos de aprendizagem» (n.º 13).

Relativamente ao tópico *aprendizagem*, tratado em 20 dos textos, podemos dizer que se evidencia uma preocupação em apresentar estudos que a analisam como um processo de aquisição e de construção de saber, que ocorre em diferentes espaços e níveis etários, procurando apresentar conhecimento que a perspetive de modo mais completo. De realçar os títulos seguintes: «L'acquisition précoce d'une seconde langue: un point de vue de psycholinguistique» (n.º 3), «Apprendre par et avec les médias. Une expérience scolaire de journal télévisé» (n.º 5), «Três espaços de aprendizagem: A Expo 98, a televisão e a escola, processos de interacção» (n.º 6) ou «Teaching and learning about the environment in another language and culture» (n.º 7).

O tópico do *plurilinguismo* abarca aspetos como o tratamento da diversidade na reflexão sobre o processo de ensino e de aprendizagem de línguas, o tratamento do bilinguismo, da comunicação multilingue, da comunicação intercultural e da intercompreensão. Estes tópicos surgem em textos de reflexão sobre espaços de educação formal e não formal, sobre discursos de política linguística europeia, trazendo ao discurso didático modos de considerar a diversidade nos contextos de atuação em que os sujeitos se movem. Destacamos, nesta linha, títulos que reenviam para a ideia de transversalidade entre didáticas de diferentes línguas, «La didactique scolaire des langues, base d'une transversalité» (n.º 4); para a necessidade de educar para a interculturalidade, «Problématique de l'éducation et de la communication interculturelle en milieu scolaire européen» (n.º 6); de construção do plurilinguismo, «Diversité des représentations, complémentarité des fonctions: les langues dans une construction du plurilinguisme» (n.º 9); para a importância da intercompreensão, na educação

e formação para uma cidadania plurilingue, «Intercompreensão na educação formal e não formal em Ciências – O desafio atual» (n.º 7), «Intercompreensão e cidadania europeia. Reflexões a propósito dos programas de inglês para o ensino secundário» (n.º 9), «Intercomprehension in language teacher education: perspectivas para o desenvolvimento da competência plurilingue» (n.º 10) ou «Intercompreensão na formação inicial de professores: uma proposta curricular integrando práticas de comunicação plurilingue online» (n.º 13).

Relativamente aos outros tópicos, encontramos, em torno dos títulos que reenviam para textos sobre a leitura, um enfoque em estudos sobre literacia, estratégias de leitura e construção da identidade, numa vontade de reflexão sobre os processos de compreensão do mundo na sua diversidade, procurando não esquecer as representações, a emoção, a subjetividade ou a afetividade, onde se inclui o humor. A título de exemplo, vejamos os seguintes títulos: «L'enfant au pays du langage: la voie de l'émotion et de la raison dans l'apprentissage précoce d'une langue étrangère» (n.º 6), «Atitudes e representações dos locutores portugueses face às línguas românicas: um lugar para as línguas estrangeiras» (n.º 7), «De l'humoristique à l'axiologique. L'humour, ses hétéronymes et le rire au secours des valeurs» (n.º 10), «Literacia, (des)conhecimento e poder» (n.º 11) ou «Literacias, usabilidade e mediação: do papel ao ecrã» (n.º 12).

A revista *Intercompreensão* parece, assim, constituir-se como um espaço de divulgação de conhecimento produzido no quadro de estudos em DL, em que as questões da passagem entre línguas e linguagens se afiguram centrais, com a intenção de abarcar processos de *deslocalização* que se jogam nas dinâmicas de aprendizagem dos sujeitos que percorrem diferentes espaços, tal como lemos no texto de apresentação da revista n.º 15:

A necessidade de abordagens didáticas plurais decorre não só da diversidade de línguas em contacto, mas também da diversidade de linguagens, de suportes, de tecnologias que desencadeiam elas próprias uma diversidade de meios de apropriação dessas mesmas linguagens (Tavares, Fróis & Teixeira 2010: 7).

4. **Reflexão final**

Em jeito de reflexão final, julgamos ser possível afirmar que a revista *Intercompreensão* contribuiu, neste conjunto de 15 números, para a circulação de ideias em DL em Portugal, numa convocação de múltiplos autores de diferentes filiações e línguas, em que o diálogo, a negociação e a construção partilhada e diferenciada do saber se desenham. Percebe-se nos números editados e nos textos selecionados a finalidade de ajudar a construir uma didática de todas as línguas ou do plurilinguismo, em que o «fazer teoria» e «intervir na ação» (Alarcão

& Araújo e Sá 2010: 49), se aliam inequivocamente em dotar os atores do campo de saberes múltiplos, única forma de dar conta de um objeto de estudo complexo e dinâmico, o ensinar e aprender línguas hoje.

Dito de outra forma, a revista *Intercompreensão* desenvolveu-se como um espaço de «reconfiguração epistemológica» da DL, em que a ideia de diversidade se vai concretizando, na convicção de que

O desenvolvimento do repertório linguístico-comunicativo como espaço aberto a várias línguas assenta num processo que implica uma finalidade, «encontrar e compreender o outro e de juntos construir um Terceiro Espaço de comunicação» (Bhabha 1994), feito de articulação de vontades, de intenções e de subjetividades (Alarcão *et al* 2010: 24).

As intenções de desenvolvimento dum projeto como o da revista *Intercompreensão*, para além do enriquecimento do repertório didático dos seus leitores, pela abertura de possibilidades de entrada na compreensão e análise dos processos de educação e de formação para as línguas e sua valorização, continuam a jogar-se em vontades de manter abertos *os diálogos em intercompreensão* (Tavares & Olivier, 2010: 7). São estes diálogos em intercompreensão que procurámos abordar neste texto, diálogos que mantivemos entre nós, e nos projetos que fomos desenvolvendo, onde a noção de intercompreensão se constituiu como mote e ao qual a revista *Intercompreensão* foi dando sustentabilidade, reforçando a importância de reflexões alargadas sobre as questões da educação em línguas.

Referências bibliográficas

- ALARCÃO, I., ANDRADE, A. I., ARAÚJO E SÁ, M. H., MELO-PFEIFER, S. & SANTOS, L. (2010). Intercompreensão e plurilinguismo: (re)configuradores epistemológicos de uma Didática de Línguas?, *Revista Intercompreensão*, 15. Pp. 9-26.
- ALARCÃO, I. & ARAÚJO E SÁ, M. H. (2010). *Era uma vez...a Didáctica de Línguas em Portugal: enredos, actores e cenários de construção de conhecimento*. Aveiro: CIDTFF / Universidade de Aveiro.
- ANDRADE, A. I. & ARAÚJO E SÁ, M. H. (2002). *Apprendre à lire en Français*. Aveiro: Universidade de Aveiro (CD-ROM).
- ANDRADE, A. I. & ARAÚJO E SÁ, M. H. (2008). Intercompréhension et formation des enseignants: parcours et possibilités de développement. In: V. Conti & F. Grin (dirs.). *S'entendre entre langues voisines: vers l'intercompréhension*. Genève: Georg Editeur. Pp. 277-298.
- ANDRADE, A. I., ARAÚJO E SÁ, M. H., LÓPEZ ALONSO, C., MELO, S. & SÉRÉ, A. (2005). *Plataforma Internet para o desenvolvimento da intercompreensão em línguas românicas. Manual do utilizador*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em <http://www.galanet.eu/publication/fichiers/manuel.pdf>

- ANDRADE, A. I. & MOREIRA, G. (coords.) (2002). Intercomprehension in Language Teacher Education: propostas para o desenvolvimento da competência plurilingue. *Intercompreensão – Revista de Didáctica das Línguas*, 10. Pp. 51-64.
- ARAÚJO E SÁ, M. H (coord.) (2010). *Manual Galapro – Formação de formadores para a intercompreensão em Línguas Românicas*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em http://www.galapro.eu/wp-content/uploads/2010/06/manual_galapro.pdf.
- ARAÚJO E SÁ, M. H., CANHA, M. B. & GONÇALVES, C. (2003). *Da consciência comunicativa à competência intercultural: um módulo de formação de professores*. Aveiro: Universidade de Aveiro, CIDTFF. Disponível em <http://www.ua.pt/cidtff/lale/PageText.aspx?id=12932>
- ARAÚJO E SÁ, M. H & MELO-PFEIFER, S. (orgs.) (2010). *Formação de formadores para a intercompreensão. Princípios, práticas e reptos*. Aveiro: Universidade de Aveiro. Disponível em <http://www.galapro.eu/wp-content/uploads/2010/07/formacao-de-formadores-para-a-intercompreensao-principios-praticas-e-reptos.pdf>
- ARAÚJO E SÁ, M. H., PEREIRA, L. A., FERRÃO TAVARES, C. & PINHO, A. S. (2009). Intercompreensão: pontos de encontro entre aprendizagem, formação e investigação. Comunicação nas *Jornadas Científicas da Linha 1 do CIDTFF – Educação, Supervisão e Desenvolvimento*. Doc. *PowerPoint*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- CAPUCHO, F. (2008). L'intercompréhension est-elle une mode? Du linguiste citoyen au citoyen plurilingue. *Pratiques*, 139-140. Pp. 238-250.
- CAVALLI, M. (2008). Du bilinguisme au plurilinguisme : de nouveaux défis pour les politiques linguistiques éducatives. In D. Moore & V. Castellotti (Eds.). *La compétence plurilingue: regards francophones*. Berne: Peter Lang. Pp 27-50.
- DE CARLO, M. (2011). Oltre l'intercomprensione: i benefici di una formazione collaborativa, a distanza, plurilingue. Comunicação apresentada no *Convegno Internazionale Attraverso le Lingue. L'intercomprensione in ricordo de Claire Blanche-Benveniste*. Doc. *PowerPoint*. Roma: Università degli Studi Roma Tre, 20-21 de outubro de 2011.
- DEGACHE, C. & MELO, S. (2008). Introduction. Un concept aux multiples facettes. *Les Langues Modernes*, 1. Pp. 7-14. Disponível em www.apvlanguagesmodernes.
- DOYÉ, P. (2005). *L'intercompréhension. Etude de référence*. Strasbourg: Conseil de l'Europe.
- ESCUDE, P. (2010). Origine et contexte d'apparition du terme d'intercompréhension dans sa première attestation (1913) chez le linguiste français Jules Ronjat (1864-1925). *Redinter-Intercompreensão. Revista da Rede Europeia sobre Intercompreensão*, 1. Pp. 103-123.
- GRIN, F. (2008). Pourquoi l'intercompréhension ?. In : V. Conti et F. Grin (dir.). *S'entendre entre langues voisines: vers l'intercompréhension*. Genève: Georg Éditeur. Pp. 17-30.
- MAURER, B. (2011). *Enseignement des langues et construction européenne. Le plurilinguisme, nouvelle idéologie dominante*. Paris: Editions des Archives Contemporaines.

~~MELO PFEIFER, S. & PINHO, A. S. (submetido). «Empire des sens » ou « liaisons dangereuses » ? – Une étude exploratoire du réseau conceptuel de l'intercompréhension. [...]~~

NASCIMENTO, A. & MENANDRO, P. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 2 (ano 6). Pp. 72-88.

PINHO, A. S. (2008). *Intercompreensão, identidade e conhecimento profissional na formação de professores de línguas*. Tese de doutoramento policopiada. Aveiro: Universidade de Aveiro.

PUREN, C. (1997). Concepts et conceptualisation en didactique des langues: pour une épistémologie disciplinaire. *Études de Linguistique Appliquée*, 105. Pp. 113-125.

SÁ, C. M. & VEIGA, M. J. (2010). *Estratégias de leitura e intercompreensão*. Aveiro: Universidade de Aveiro / CIDTFF / LIEP.

SANTOS, L. (2010). Defining intercomprehension: is consensus essential? *REDINTER –Intercompreensão*, 1. Pp. 29-46.

SILVA, J. (2002). *La didactique des langues-cultures. Approche lexico-didactologique de concepts du domaine*. Tese de doutoramento policopiada. Braga: Universidade do Minho.

TAVARES, C. F. (1991). Apresentação. *Intercompreensão Revista de Didáctica das Línguas*, 1. Pp. 7-9.

TAVARES, C. F, FRÓIS, J. & TEIXEIRA, M. (2010). Abordagens plurais e multimodais. *Intercompreensão Revista de Didáctica das Línguas*, 15. Pp. 5-8.

TAVARES, C. F. & OLIVIER, Ch. (2010). Apresentação. *Redinter-Intercompreensão. Revista da Rede Europeia sobre Intercompreensão*, 1. Pp. 5-7.

TAVARES, C. F., SILVA, J. & SILVA E SILVA, M. (2010). Des notions actuelles (et potentielles) d'intercompréhension en didactique des langues-cultures. *Redinter-Intercompreensão. Revista da Rede Europeia sobre Intercompreensão*, 1. Pp. 122-155.

ZARATE, G., LÉVY, D. & KRAMSCH, C. (dir). (2008). *Précis du plurilinguisme et du pluriculturalisme*. Paris: Étidions des archives contemporaines.